

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

Atena  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini Laila Wilk Santos Lucas Arruda Tacla Theodora Rosskamp Kalbusch Rosana Mara Koerner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior Ana Cecília Vieira Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago Altamir Botoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa Maria Elizete Melo de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>124</b>
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>172</b>
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes	
Elizangela Silva de Sousa Moura	
Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>182</b>
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo	
Ana Paula de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>208</b>
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSações: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli	
Bernadette Maria Panek	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>220</b>
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>236</b>
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo	
Milena Menezes Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>245</b>
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo	
Wagner Corsino Enedino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050622</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos	
Débora Wagner Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050623</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>270</b>
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>287</b>
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>304</b>
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>317</b>
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>328</b>
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>343</b>
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>352</b>
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini  Daniel Verbes Padilha  Deise Pieniz Casagrande  Maico Mantovani Tolfo  Mylla Keenan Acosta  Maiara Bertl</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050631</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>356</b>
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva  Iara Ferreira de Melo Martins  Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050632</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>369</b>
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina  Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050633</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>382</b>
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050634</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>392</b>
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050635</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>406</b>
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos  Sara Goretti Ferreira  Daiane Menezes Santos</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050636</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>419</b>
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias  Diógenes Buenos Aires  Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050637</b>	

<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>431</b>
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
<a href="#">Mariana Argolo Barreto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050638</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>443</b>
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
<a href="#">Aina de Oliveira Rocha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050639</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>456</b>
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
<a href="#">Carlos Eduardo da Silva</a>	
<a href="#">Cristina Corral Esteve</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050640</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>468</b>
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
<a href="#">Regimário Costa Moura</a>	
<a href="#">Ana Cristina dos Santos</a>	
<a href="#">Raquel Araújo Luna</a>	
<a href="#">Rideusa Caroline Correia do Nascimento</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050641</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>476</b>

## ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO

**Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira**

Universidade Federal do Maranhão

São Luís – Maranhão

**Paloma Veras Pereira**

Universidade Federal do Maranhão

São Luís – Maranhão

**RESUMO:** Josué Montello (1917 – 2006), autor maranhense de intensa produção literária, imortalizou-se sobremaneira por sua vasta e rica obra, ao longo de sua extensa carreira. Dentre os diversos romances que escreveu, *Os Degraus do Paraíso* (1965) é tido como um dos mais expressivos, uma vez que encerra em seu bojo uma discussão profícua a respeito da religião, do exercício da fé cristã e da tolerância religiosa – ou ainda, da sua ausência – numa narrativa de cunho extremamente psicológico e social, em que cada tomada de decisão implica diretamente consequências definitivas aos personagens. A discussão presente no enredo traz à lume um embate entre duas correntes religiosas cristãs no Maranhão: o catolicismo – de profundas raízes na sociedade maranhense, consolidadas ainda no período colonial – e o protestantismo – corrente cristã estabelecida no país a partir do final do século XIX, divulgada e professada por missionários europeus. A discussão em torno da fé e da identidade religiosa promovida pela obra nos revela um solo fértil,

em que germinam disputas ideológicas em torno da “validade” ou da “veracidade” das formas de culto cristãs praticadas pelos personagens de Montello, que se identificam com determinada corrente religiosa, necessariamente, opondo-se às demais. Nesse sentido, objetivamos analisar, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante; além do conseqüente embate entre elas advindo das diferenças identitárias de cada forma de culto. Por fim, destacamos como se materializam as correntes religiosas citadas na trama do romance, ressaltando ainda as diferenças identitárias presentes nos discursos dos personagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Religião; Romance.

**ABSTRACT:** Josue Montello (1917-2006), an author from the Brazilian state of Maranhão, of intense literary production, immortalized himself for his vast and rich work throughout his long career. Among the many novels he wrote, *Os Degraus do Paraíso* (1965) is considered one of the most expressive, since it contains in his heart a fruitful discussion about religion, the exercise of Christian faith and religious tolerance - or, of its absence - in an extremely psychological and social narrative, in which each decision-making directly implies definitive consequences to the characters. The discussion in the plot brings

to light a clash between two Christian religious currents in Maranhão: Catholicism - deeply rooted in Maranhanean society, still consolidated in the colonial period - and Protestantism - a Christian current established in the country from the end of the 19th century, spread and professed by European missionaries. The discussion about faith and religious identity promoted by the work reveals a fertile ground in which ideological disputes arise around the “validity” or “truthfulness” of the Christian forms of worship practiced by the characters of Montello, who identify with religious trend, necessarily, opposing the others. In this sense, we aim to analyze, in the montellian writings, how Catholic and Protestant identities manifest themselves; besides the consequent clash between them arising from the identity differences of each form of worship. Finally, we highlight how the religious currents mentioned in the plot of the novel materialize, also highlighting the identity differences present in the speeches of the characters.

**KEYWORDS:** Identity; Religion; Novel.

## 1 | INTRODUÇÃO

Josué Montello, autor maranhense de intensa produção literária, imortalizou-se por sua vasta e rica obra ao longo da extensa carreira como ensaísta, teatrólogo, jornalista, escritor e professor. Membro da Academia Brasileira de Letras entre os anos de 1954 e 2006 – precedido nessa instituição, e na Cadeira nº 29, pelo teatrólogo Artur Azevedo –, Montello escreveu uma infinidade de textos dos mais variados tipos, de crônicas jornalísticas a romances, enveredando ainda pelos ensaios, peças teatrais e novelas, fazendo com que seus mais de 50 anos de produção literária fossem marcados pela pluralidade de obras e riqueza de temáticas.

Suas obras, que frequentemente adotam São Luís e o Maranhão como cenários, são marcadas pela detalhada descrição das paisagens urbanas, pelos fortes traços psicológicos de suas personagens e, principalmente, pela discussão de temas contundentes para a sociedade de sua época, como o homossexualismo, o adultério, a religião cristã, os elementos africanos e afro-brasileiros, entre outros. Montello foi vencedor de diversos prêmios ao longo de sua carreira, com destaque para os Prêmios Coelho Neto de Romance (1953) e Artur Azevedo de Teatro (1947), ambos concedidos pela Academia Brasileira de Letras. Além das diversas premiações, o reconhecimento do público mostrou-se bastante relevante, algo que poucos autores experimentaram ainda em vida, e Montello pôde ver ainda suas obras traduzidas para o inglês, o francês, o alemão, o espanhol, entre outros. Atualmente, a fundação de cultura que leva seu nome mantém viva sua memória através da realização de eventos e divulgação de escritos, alguns inéditos, como seus diários. Além do trabalho de resgate dos escritos montellianos – que resultaram na reedição recente de *Os Tambores de São Luís*, e de outras obras que revelam a pluralidade da escrita de Montello – a Casa de Cultura Josué Montello promove a exposição de diversos itens e uma considerável participação em eventos e debates que giram em torno da produção montelliana, inclusive aqueles

promovidos no seio da academia, que, atualmente promove um considerável resgate das obras de Montello, em análises plurais e que enriquecem o escopo relacionado a esse imortal maranhense.

Dentre os diversos romances que compõem o escopo literário montelliano, *Os degraus do paraíso* (1965) é tido como um dos mais autobiográficos. Filho de Antônio Bernardo Montello, diácono da Igreja Presbiteriana Independente de São Luís do Maranhão, Montello atribui ao pai a liberdade que teve para escolher o caminho a ser trilhado em sua fé. Inicialmente, o autor seguiu os passos de seu progenitor e converteu-se ao Protestantismo, entretanto, já na fase adulta, abandonou a igreja protestante e aderiu ao Catolicismo, religião que professou até o fim de seus dias. As diferenças entre as liturgias e dogmas católicos e protestantes, os embates entre as duas vertentes religiosas na capital maranhense e as visões de fé e pecado que ambas preconizam são discutidos com afinco na obra montelliana, a qual constrói um cenário que resgata a religiosidade e o poder que as igrejas possuíam no imaginário popular do estado do Maranhão no início do século XX.

Assim, o romance *Os degraus do paraíso* encerra em seu bojo uma discussão profícua a respeito da religião, do exercício da fé cristã e da tolerância religiosa – ou ainda, da sua ausência –, numa narrativa de cunho extremamente psicológico e social, em que cada tomada de decisão, cada atitude executada implica diretamente consequências definitivas aos personagens. A discussão presente no enredo, que remonta ao início do período moderno da história humana, e aos desdobramentos advindos da Reforma Protestante (1517), traz a lume um embate entre duas correntes religiosas cristãs no Maranhão: o catolicismo – de profundas raízes na sociedade maranhense, consolidadas ainda no período colonial – e o protestantismo – corrente cristã estabelecida no país a partir do final do século XIX, divulgada e professada por missionários europeus.

A discussão em torno da fé e da identidade religiosa promovida pela obra nos revela um solo fértil, em que germinam disputas ideológicas em torno da “validade” ou da “veracidade” das formas de culto cristãs praticadas pelos personagens de Montello, que se identificam com determinada corrente religiosa, opondo-se, necessariamente, às demais. Nesse sentido, objetivamos analisar, nos escritos de *Os degraus do paraíso*, como se manifestam as identidades católica e protestante; além do consequente embate entre elas advindo das diferenças identitárias de cada forma de culto. Assim, para a compreensão do fenômeno identitário, tomaremos como base Silva (2012), Woodward (2012) e Bauman (2005), com vistas a destacar como se manifestam as correntes religiosas no romance montelliano no que tange às diferenças identitárias evidenciadas nos discursos dos personagens.

## 2 I “SOMOS ÁGUA DA MESMA FONTE”: FACES DA CONFLITANTE IDENTIDADE CRISTÃ NA OBRA MONTELLIANA

As questões identitárias caracterizam-se como um fenômeno de recente discussão e estudo, tendo pesquisadores e estudiosos que se debruçaram sobre o tema encontrado um campo fértil de análise, em que se desdobram diversos conceitos relacionados principalmente ao caráter social da identidade moderna. Segundo Bauman (2005), a discussão acerca da identidade só foi possível quando da ruptura da chamada *identidade nacional*, ou do processo de identificação promovido pelos estados-nação modernos, que já não conseguiam atender a uma demanda crescente por pertencimento em nível local do homem moderno. Assim, “ser francês” ou “ser italiano” já não era suficiente para abranger conceitos relacionados às escolhas individuais, relativos a gênero, raça, credo, levando a uma crise do sentimento de pertencimento do homem na atualidade.

No romance em tela, a relevância da questão supracitada é reforçada pelas atitudes dos personagens em afirmarem-se sobre os pilares da fé, tendo a identidade religiosa como marca identitária primeira, suplantando qualquer identificação com a nação que, naquele momento, havia há pouco firmado-se como independente e republicana. A obra, relevante por discorrer em seu bojo acerca da identidade cristã e da fé humana, tem por cenário a capital maranhense, na transição do século XIX para o XX. Na trama, somos apresentados a uma cidade, outrora rica e desenvolvida, em pleno marasmo social e econômico vivido por seus habitantes na virada do século. Nesse momento de franca decadência social, em que a economia declina vertiginosamente, a elite local tenta a duras penas garantir seus privilégios, mantendo o controle das instituições e garantindo a manutenção da ordem social segundo sua conveniência. Nesse ínterim, as identidades surgem como elemento a ser desbravado, conquistado e sobreposto a outrem, de modo que a homogeneidade das escolhas individuais seja sempre posta em relevância, tendo em vista que:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. (RUTHERFORD, 1990, p. 19 e 20 apud WOODWARD, 2012, p. 18)

Observamos, portanto, em primeira instância, que somente podemos considerar o aspecto identitário a partir de seu caráter relacional, ou seja, “somos o que somos” por não sermos o “outro”. Tal fator será preponderante para o desenrolar da trama, tendo em vista que a discussão oriunda da afirmação das *marcas de diferença* torna o desenvolvimento dos fatos, na obra, um cenário de disputa e diferenciação. Por conseguinte, procuramos constantemente afirmar nossas escolhas a partir desse nível relacional, em que prevalecem as identidades que marcam a distinção, a diferenciação, tal como afirma Silva (2012, p. 82):

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.

Em outras palavras, as posições que assumimos, os elementos com os quais nos identificamos constituem nossas identidades, nos fazem pertencer a determinado grupo em detrimento de outros, nos levam a assumir um papel, a defender uma ideologia. Esse processo – ainda que não completamente consciente – faz surgir um conceito-chave para os estudos de identidade: a diferença:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. (SILVA, 2012, p. 81)

Entendida como aquilo que nasce ao lado da identidade, a diferença é fundamental para a compreensão de nosso objeto de estudo, tendo em vista que, ao definir-se como católico, o indivíduo, ao mesmo tempo, rejeita outras formas de culto, como o protestantismo ou o pentecostalismo, por exemplo. Essa diferenciação, na trama de *Os degraus do paraíso*, pressupõe um embate sobre a validade das demais formas de culto, tendo em vista que todas as correntes cristãs, oriundas das diversas reformas ou rompimentos promovidos no seio da igreja, defendem serem as “verdadeiras” formas de culto cristão. Identidade e diferença surgem, portanto, como criações culturais, em estreita relação com as forças e o poder, como nos revela Woodward (2012, p. 39):

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de tal forma que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles [...]; eu/outro [...].

A discussão oriunda da diferenciação entre os conceitos de identidade – até então vista sob um espectro da relação com o social –, e da diferença, evolui necessariamente para o que autores consideram como o significado que dá sentido a nossa experiência ou, ainda, a marcação simbólica que nos permite o posicionamento enquanto sujeitos, dotados de características únicas: a representação. Esse conceito, bastante atrelado ao social, de modo geral, indica os lugares a partir dos quais podemos nos posicionar, de onde podemos falar (WOODWARD, 2012). Segundo a autora, a representação pode ser definida como:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2012, p. 16 e 17)

Por conseguinte, sem aquilo que podemos definir como o campo de manifestação dos significados, ou a representação, não haveria espaço na sociedade para materialização de nossas identidades, tolhendo-nos em nossas escolhas. Ainda, os sistemas simbólicos dos quais fala a autora podem ser entendidos, por extensão, como as diferentes formas de culto às quais escolhemos nos filiar, assumindo assim o conjunto identitário que nos difere dos “outros”, o daqueles que não compartilham de nossa crença. A religião, segundo Woodward (2012), é uma construção eminentemente social, em que grupos reproduzem práticas consideradas *sagradas*. Entretanto, como defende a autora, não existe nada que seja essencialmente sagrado, tendo em vista que os elementos e as faces do divino são simbolizados e representados como tais. A existência de um elemento inerentemente sagrado implicaria a aceitação universal – por todas as civilizações – do caráter metafísico de tal elemento, entendido aqui como um ser ou um objeto, um lugar. Com efeito, nas palavras da autora, a partir da leitura de Durkheim:

A religião é algo eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas; os ritos são uma maneira de agir que ocorre quando os grupos se reúnem, sendo destinados a estimular, manter ou recriar certos estados mentais nesses grupos (DURKHEIM apud BOCOCK & THOMPSON, 1985, p. 42 apud WOODWARD, p. 41, 2012)

Compreendemos, portanto, que a religião é um elemento essencial para a constituição da identidade do homem moderno, e ela, apesar de pressupor a aceitação e a tolerância como valores a serem praticados, leva à inegável diferenciação entre *nós* e os *outros*, entendidos aqui como praticantes de outras formas de culto religioso. Assim, entendemos a identidade como um elemento relacional, conforme anteriormente mencionado, inserida numa determinada prática social e estreitamente conectada à diferença.

A partir dos conceitos de identidade e diferença, situados num contexto em que a obra conduz-nos a um inevitável choque identitário entre católicos e protestantes, conhecemos Mariana e Ernesto, casal divorciado, pais de três filhos, que viviam num sobrado à Rua do Sol, onde, naquela época, Mariana dividia os dias com os filhos e duas criadas. Em meio ao período entre guerras, em que houve relativa paz no globo, uma doença de graves proporções surge, provocando devastação e morte por onde passava: a gripe espanhola. A pandemia de Gripe Espanhola, ou ainda *Influenza A* (1918 – 1919), dizimou milhões de pessoas à época. De grande propagação e alta taxa de mortalidade, a doença dizimou quase que a totalidade de diversas cidades no globo, chegando ao Brasil a bordo de navios vindos da colônia francesa de Dakar:

Até que uma noite, no começo de outubro, a Morte entrou de manso pelas ruas tortas que se esgueiram para o mar, escondida no corpo de um marujo de olhos em brasa e andar gingado. Dias depois a cidade lhe sentiu a presença sinistra, os primeiros esquifes roxos que saíram das casas do meretrício para o cemitério, à noite, sem acompanhamento, sob o olhar das lívidas lâmpadas elétricas. (MONTELLO, 1986, p. 21).

Com efeito, a presença da doença e da morte serão peças fundamentais para o desenrolar das ações na trama, as quais, inevitavelmente, têm na fuga e no medo de sua própria mortalidade suas maiores motivações. Com a evolução dos atos, Teobaldo – filho mais novo do casal, em sua primeira aventura pela cidade desacompanhado – acaba sofrendo um acidente que o vitima, enquanto suas irmãs Morena e Cristina jaziam doentes, acometidas pela gripe. Nesse momento, é fundamental compreendermos o contexto em que somos inseridos, pois convém ressaltarmos que Mariana era extremamente católica, desenvolvendo o Complexo de Jocasta, num amor obsessivo pelo filho mais novo. A superproteção da mãe fraqueja no momento em que o filho, que se preparava para entrar no seminário e se ordenar padre, vai à missa sozinho e acaba atropelado, vindo a falecer. Nesse momento, o clímax da trama é atingido, para que o desenrolar dos acontecimentos nos revele uma narrativa centrada na figura de Mariana e na disputa ideológica provocada pela sua renúncia à fé católica e conversão ao protestantismo que surgia na cidade de São Luís, no início do século.

Com efeito, a evolução da trama nos apresenta uma personagem cuja vida foi marcada pelo sofrimento, apesar de sua fé professada na Igreja Católica. Mariana, após a morte do filho mais novo, também é acometida pela gripe espanhola e, por pouco, não parte também do plano terreno. Em seus dias de recuperação, reclusa em seu quarto no sobrado, sua única companhia era Abigail, enfermeira designada pelo doutor Luna para cuidar da enferma em casa. A enfermeira, após revelar-se evangélica, demonstra clara intolerância com as práticas consideradas sagradas para a fé católica. Sua primeira atitude é justamente a de apagar as velas acesas momentos antes por Cristina:

E seu primeiro cuidado, assim que entrou na alcova e olhou a doente, foi apagar com um sopro as velas bentas do oratório, que Cristina, momentos antes, tivera o cuidado de acender. (MONTELLLO, 1986, p.89).

Assim, tem início a disputa motivada pela fé entre ambas as correntes religiosas. Constantemente, o conflito motivado por católicos ou protestantes resulta na afirmação da identidade religiosa assumida pelo personagem, de modo que ele enxerga a própria vertente como única forma válida de alcançar a graça divina. Convém mencionarmos que o Catolicismo presente na sociedade maranhense possuía profundas raízes no imaginário popular, tendo em vista o fato de a Igreja ter aportado em solo brasileiro desde a colonização. O Protestantismo, por sua vez, considerava uma heresia a sacralização do território brasileiro ao Catolicismo, acreditando que semelhante corrente religiosa desobedece aos mandamentos divinos expressos no livro sagrado. O embate firmado entre ambos resulta numa profunda segregação entre seus fiéis, acarretando, não raro, ataques pessoais e ameaças proferidas durante os diálogos. Araújo (2012, p. 184) discorre sobre o que seria a situação de conflito inicial entre essas correntes:

De certa forma, para o catolicismo, a permissão da entrada de católicos no Brasil representava uma profanação do seu espaço sagrado. Para o protestantismo, por outro lado, era o catolicismo como religião oficial que representava a profanação.

O impasse se instalou. [...] dentro de um contexto maior, a interpretação religiosa estava fundada na necessidade protestante de ressacralizar o que o catolicismo havia profanado.

O que consideramos como o conflito inicial vai, necessariamente, permear toda a narrativa, tendo em vista que não há, por parte dos protestantes, sobretudo, uma tentativa de diálogo. Assim, devido ao caráter proselitista próprio das doutrinas cristãs, o desenvolvimento das ações na trama nos leva a uma disputa em que o “outro” precisa necessariamente ser combatido, numa clara demonstração de intolerância. Cabe ressaltarmos ainda que a afirmação da identidade religiosa ocorre principalmente a partir da diferença, conforme mencionado anteriormente. Para tanto, é necessário se identificar como pertencente a determinada corrente religiosa, excluindo-se as demais como elementos válidos de contato com o sagrado. A identidade protestante no romance pode ser melhor visualizada nos dizeres do Reverendo Tobias – pastor protestante responsável por ser o “guia espiritual” de Mariana na narrativa – quando afirma ser a religião católica uma profanação das escrituras sagradas: “A Bíblia é uma só, D. Mariana. A diferença entre protestantes e católicos é que nós, protestantes, seguimos fielmente a Bíblia; eles, os católicos, não.” (MONTELLO, 1986, p. 108)

Temos, por conseguinte, a afirmação da identidade a partir da diferença de forma bastante evidente no discurso do reverendo. A diferença surge, portanto, como elemento de segregação, construída através do seio social e legitimada pela autoridade revestida na figura do reverendo em questão, algo corroborado por Woodward (2012, p. 49): “A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como os “outros” ou forasteiros”.

A respeito da diferenciação das doutrinas em questão, convém mencionarmos que outras passagens ilustram a segregação praticada pelos fiéis de ambas as religiões. Tendo em vista que não havia entre as doutrinas uma premissa de igualdade na devoção a um único Deus, cada uma das correntes cristãs tomava para si a legitimidade de ser o único caminho para a salvação, anulando qualquer possibilidade de tolerância. Reverendo Tobias assim afirma:

A Igreja Católica Apostólica Romana, que obedece diretamente ao Papa a quem consideram como santo e infalível, será a verdadeira Igreja de Cristo? Não! [...] quem diz é a Palavra de Deus. (MONTELLO, 1986, p. 138)

[...]

A verdadeira Igreja de Cristo é a que segue rigorosamente o que se acha neste santo livro. (*idem*, p. 139)

Segundo esse líder religioso, a adoração católica a imagens de santos e a sua exposição num espaço sagrado representam uma profanação aos escritos bíblicos, que condenam explicitamente a adoração a imagens de barro por ferir os mandamentos bíblicos e por configurar-se como uma adoração a ídolos, condenada por Jesus Cristo. Nesse ínterim, o reverendo afirma a diferença dogmática fundamental como o maior

dos elementos de diferenciação das correntes religiosas em foco:

A imagem não passa de um mero ídolo de barro, sem poderes para operar milagres! Deus é quem tem esses poderes. E só a Ele é que devemos render culto [...] e como a misericórdia de Deus é infinita [...] o Senhor não se limitou a salvar seu filho D. Mariana. O que o Senhor quer agora, com a sua imensa bondade, [...] é salvar a senhora, para unir novamente a mãe e o filho na mansão celestial! (MONTELLO, 1986, p. 140)

Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo que há em cima no Céu e do que há embaixo na terra, nem de coisa que haja nas águas embaixo da terra. Não as adorarás nem lhes darás culto.” (*idem*, p. 139).

**[...] E quem a induziu a esse erro gravíssimo? A Igreja Católica Apostólica Romana! Sim! A Igreja, que não somente pratica, mas sobretudo estimula o culto às imagens, transgredindo assim uma proibição expressa do Criador!** (*idem*, p. 139, *grifos nossos*).

O reverendo utiliza-se, ainda que inconscientemente, da diferenciação, determinando, assim, que católicos *adoram* imagens de barro, e apenas os protestantes são verdadeiramente servos de Deus. Stuart Hall (2012), a partir da leitura de Derrida e outros, revela com propriedade que destacar o significado positivo de qualquer identidade implica necessariamente na relação com o que ele chamou de *exterior constitutivo* ou o elemento externo que faz oposição à identidade em questão:

Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído. (DERRIDA, 1981; LACLAU, 1990; BUTLER, 1993). (HALL, 2012, p. 109).

Assim, é relevante mencionarmos que constantemente os dizeres de cada personagem da trama evocam o *exterior constitutivo*, pois é necessário recorrer ao outro para afirmar-se, diferenciar-se. A identidade protestante mencionada pelos discursos presentes na narrativa só se manifesta no social a partir da perspectiva de que *protestantes são protestantes*, o que nos permite afirmar, dessa forma, que *protestantes não são católicos*, ou seja, as práticas, os dogmas e todos os demais elementos ritualísticos adotados pela liturgia católica são rejeitados pelos protestantes.

No tocante ao conjunto formado pelos católicos na obra, temos na figura de padre Galvão seu maior expoente. Ordenado padre da paróquia frequentada por Mariana e suas filhas, antes da conversão à doutrina protestante, padre Galvão possui temperamento ameno, é grande amigo da filha mais nova, Cristina, e intercede por ela quando decide seguir o noviciado para se tornar freira num convento na Bahia. Padre Galvão inclusive acompanha Ernesto, ex-marido de Mariana e pai das crianças na trama, quando ele é acometido por derrame cerebral que paralisa parte do corpo e compromete suas funções motoras, deixando-o aprisionado a uma cama.

Ressaltamos, dessa maneira, que diversos críticos e estudiosos da obra montelliana defendem o romance *Os Degraus do Paraíso* como o mais autobiográfico da literatura de Josué Montello. O autor, nascido em berço protestante, professou

essa vertente religiosa por diversos anos em sua vida até finalmente abandonar o protestantismo e se converter ao catolicismo, religião que seguiu até o fim de seus dias. A figura caricata do Reverendo Tobias e o tom conciliador e complacente de padre Galvão foram inspirados por figuras com quem Montello conviveu ao longo de sua vida, segundo o autor, em uma de suas entrevistas.

Vítima de grande repulsa por Mariana após a conversão ao protestantismo, o pároco dedica-se à função de solucionar os conflitos advindos da relação entre a protagonista e Cristina, cuja intenção de se unir ao convento na Bahia foi desde o princípio revelada. Apesar dos protestos de Cristina e de sua tentativa de defesa da sua escolha religiosa, Mariana é implacável e decide por converter as filhas – ainda que à força – à igreja protestante, algo que motiva grandes disputas ideológicas na narrativa.

A solução do conflito vivido por ambas – Mariana e Cristina – demonstra as diferentes visões do divino, do sagrado, oriundas das diferentes formas de culto cristão presentes na obra: Cristina segue para a Bahia e inicia seu noviciado, enquanto Mariana a repudia até o fim de sua vida, que dedica à memória de seu falecido filho. Padre Galvão busca solucionar o conflito entre ambas através de uma carta endereçada a Mariana, cujo texto demonstra com propriedade a visão dos católicos na obra que, de modo geral, entendem serem todos irmãos em fé, filhos do mesmo Deus e discípulos de Jesus:

Logo às primeiras linhas na letra miúda e deitada do padre, a surpresa destas palavras: “A senhora faz bem em ir ao encontro de Deus na igreja do Reverendo Tobias. Antes assim. Tirando os excessos e os erros da igreja dele e da minha, nossa origem é uma só: a palavra Cristo. O que me afligia, ao considerar a crise que se instalou no espírito da senhora após a morte do Teobaldo, era que terminasse voltando as costas a Deus, descrente de tudo. Felizmente isso não aconteceu. Sei que a senhora vai se surpreender com esta minha aprovação. Mas a verdade é que, se os padres católicos e os pastores protestantes pusessem de lado as respectivas intransigências, haviam de reconhecer que somos águas da mesma fonte, que tomaram rumos diversos e por vezes se toldaram pelo caminho”. (MONTELLO, 1986, p. 203)

Entendemos que, para o padre, a negação da figura do divino consiste em uma transgressão que não pode ser cometida pelo homem. Ademais, optar por adotar a religião protestante como meio para se chegar ao sagrado parece ser, ainda nas palavras do pároco, uma forma de “ir ao encontro de Deus”, ainda que essa seja uma vertente divergente, claramente opositora da religião católica. Dessa maneira, destacamos que a identidade católica manifestada pelo padre em seu discurso se materializa na trama social de modo a buscar não a *diferença*, ou o elemento que afasta as doutrinas, mas o comum ou aquilo que as aproxima. Essa mesma identidade pressupõe – antes de considerarmos o caráter *identidade protestante* contra *identidade católica* – que todos são primeiramente cristãos, unidos em fé sob a criação do mesmo Deus, sujeitos às mesmas leis e irmãos em Cristo. Essa identidade proposta pelo religioso pode ser entendida ainda como uma *identidade maior*, que abrangeria as

diversas correntes ideológicas cristãs, colocando-as sob a mesma perspectiva.

Com efeito, o mesmo líder religioso se utiliza das escrituras sagradas para afirmar sua identidade, tal qual o pastor protestante. Numa interpretação pessoal de seus versos, o padre afirma que todas as modalidades de Cristianismo levam a Cristo:

Além disso, sou de opinião que, assim como todos caminhos levam a Roma, todas as modalidades de Cristianismo hão de levar ao Cristo. [...] É a procura daquela unidade que o próprio Cristo nos recomendou, conforme podemos ler no *Evangelho de São João*, capítulo 17, versículos 21 a 23. (MONTELLO, 1986, p. 378)

Assim, temos, na narrativa, a presença de duas formas distintas de identidade cristã, que se interpelam e se relacionam no seio social, campo dos embates ideológicos travados por essas identidades. Padre Galvão e Reverendo Tobias, ambos líderes religiosos, afirmam e reafirmam suas identidades a partir da diferença, da relação com o outro, e são exemplos do conflito provocado pela intolerância e incompreensão da identidade de outrem. Ambos demonstram que a identidade, em especial a religiosa, somente se manifesta a partir de seu caráter relacional, em que uma possibilidade exclui ou invalida as demais, ainda que padre Galvão adote um tom conciliatório, baseado na identidade cristã acima das demais, conforme mencionado. É fundamental ressaltarmos também que a presença de ambas as identidades pressupõe a ausência ou silenciamento das demais – tais como a identidade espírita, das religiões afro-brasileiras, entre outras –, tendo em vista serem apenas as correntes cristãs as responsáveis pela salvação e perpetuação da alma humana.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu texto *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*, citado nesse artigo, a autora Kathryn Woodward rememora o texto do escritor e radialista Michael Ignatieff sobre o conflito provocado pelo fim da antiga Iugoslávia, dissolvida em diversas nações. Na obra, observamos que o miliciano sérvio se define como “lixo dos Balcãs” assim como os croatas e entendemos que o combatente, acima da diferença provocada pela questão identitária, compreendeu, mesmo inconscientemente, que há uma *identidade maior* que pressupõe as identidades menores, ou locais, como a identidade sérvia ou croata. Essa identidade maior, pejorativamente, é descrita por ele como a de rejeitos, expatriados nos Balcãs.

Na mesma esteira, conforme observamos na análise da obra *Os Degraus do Paraíso*, existe uma identidade maior, que engloba todas as demais questões identitárias com as quais podem se deparar aqueles que professam as diversas vertentes da religião cristã: a identidade cristã, propriamente dita. Entendemos assim que, apesar de tal identidade religiosa ser de conhecimento dos sujeitos citados por nosso estudo, não é levada em consideração quando o que se pretende é destacar a diferença, ou o exterior constitutivo, para legitimar as práticas e doutrinas da corrente religiosa a que se pertence. Existem, portanto, duas vertentes, ou duas identidades

religiosas presentes na obra: a identidade católica e a identidade protestante, e o que marca a relação estabelecida por ambas é justamente a diferença como elemento motivador, em que uma busca se legitimar a partir da negação, da inviabilização da outra.

Esse antagonismo protagonizado pelas identidades em questão pode ser descrito com propriedade por Hall (2012), que revela que não há unificação, ou unidade nas identidades, mas fraturas ou fissuras. Essas vertentes identitárias assumem práticas e discursos claramente antagônicos na obra analisada e resumem-se ao conflito como cerne de suas relações.

Dessa forma, é relevante mencionarmos a importância dos estudos relacionados a tais temas, a saber: religião, religiosidade, fé e identidade, para que possamos compreender como cada um desses tópicos dialoga para a compreensão das paixões humanas, principalmente no que tange às visões do sagrado e das identidades daí advindas. A sacralidade e a legitimidade das formas de culto, e a intrínseca relação que essas estabelecem com outras maneiras de busca do sagrado e das manifestações de fé, materializam-se nas identidades que cada indivíduo assume ao longo de sua existência.

Assim, notamos que, tal como em outros aspectos da vida moderna, a religião também se resume a um cenário de disputas e conflitos, no bojo da obra. Não apenas no que diz respeito às formas de culto ou aos elementos dogmáticos de uma ou outra religião, o que se busca é a legitimação da vida humana, de seu propósito, através da autoafirmação, da presunção de que a única forma aceitável de culto religioso é aquela que possuímos, por todas as outras serem errôneas ou conduzirem-nos ao erro e à conseqüente condenação eterna.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Pedro G. **Em nome da lei: uma visão contextual da inserção do protestantismo de missão no Brasil**. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva et. al. **Missa, Culto e Tambor: os espaços das religiões no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. **O Protestantismo na Atualidade** in: Revista Espaço Acadêmico. São Paulo, 2006

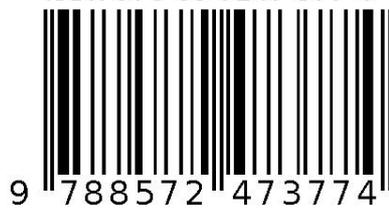
MONTELLO, Josué. **Os Degraus do Paraíso**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 12ª ed. São Paulo: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 12ª ed. São Paulo: Vozes, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2JiG9YS> Acesso em: 05/02/2018.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 12ª ed. São Paulo: Vozes, 2012.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-377-4



9 788572 473774